



## **VIOLÊNCIA FAMILIAR DURANTE A COVID-19: UM ESTUDO A PARTIR DA INTERSECÇÃO RAÇA/COR E SEXO**

LARISSA DA SILVEIRA SOARES<sup>1</sup>; TIAGO NEUENFELD MUNHOZ<sup>2</sup>, MATEUS LUZ LEVANDOWSKI<sup>3</sup>

*1 Núcleo de saúde mental, cognição e comportamento (NEPSI), UFPEL –  
larissasilveira401@gmail.com*

*2 NEPSI, UFPEL – tiago.munhoz@ufpel.edu.br*

*3 NEPSI, UFPEL – luzlevandowski@gmail.com*

### **1. INTRODUÇÃO**

Diante do contexto de pandemia, a Organização Mundial da Saúde (OMS), recomendou, as medidas de distanciamento social, para amenizar a transmissão exponencial do novo coronavírus (SARS-CoV-2)(OMS, 2020). Concomitante, a pandemia, conforme Marques et al.(2020), observa-se, aumento na violência doméstica em diferentes países no mundo. No Brasil, de acordo com os dados da Ouvidoria Nacional dos Direitos Humanos, somente no mês de abril desse ano, o aumento nas denúncias recebidas pelo Ligue 180 foi de 37,8% em comparação com o mesmo período do ano passado (MMFDH, 2020).

A violência se constitui como um problema de saúde pública, que pode atingir as pessoas independente do sexo ou idade, mas recai principalmente em mulheres e crianças (WHO, 1996). Segundo Engel (2019), mesmo entre pessoas do sexo feminino, há disparidade, em relação aos índices de violência, sendo as mulheres negras as mais vulneráveis. Ao analisar os dados do Sistema de Informações sobre Mortalidade do Ministério da Saúde, enquanto a taxa de homicídios de mulheres brancas diminuiu entre os anos de 2003 a 2013, houve crescimento na mesma taxa em relação as mulheres negras. O que confirma, a necessidade de incluir nos estudos e pesquisas não somente o critério de gênero, mas também, o quesito cor, para avaliar de maneira mais eficaz a complexidade desse fenômeno (ENGEL, 2019).

De acordo com o exposto, o objetivo do presente trabalho foi identificar os perfis de pessoas expostas por violência doméstica, no período da pandemia. Priorizando, dessa forma, os públicos mais vulneráveis: crianças, adolescentes e mulheres. Desse modo, foi proposto aqui a intersecção das variáveis de análise, sexo e raça/cor, a fim de compreender como esses aspectos influenciam na ocorrência da violência familiar.

### **2. METODOLOGIA**

O presente trabalho, é um recorte da pesquisa intitulada “Práticas Parentais e distanciamento social no Brasil”. Aqui apresenta-se os dados de ocorrência de episódios de violência familiar: contra mulheres e crianças e adolescentes. O estudo transversal, foi realizado por meio de questionário eletrônico. Participaram pessoas de forma voluntária, anônima, com idade superior ou igual a 18 anos e de diferentes regiões do território brasileiro. O projeto foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Federal de Pelotas.

A coleta de dados iniciou em 5 de julho e ainda está em andamento. Para a obtenção das informações, de acordo com o recorte deste trabalho, da amostra total, analisou-se somente pessoas identificadas com o sexo feminino com filhos

ou filhas menores de 19 anos de idade. Sendo assim, permaneceram neste recorte 303 díades (mães e filhos).

Todos os questionários foram respondidos pelas mães. No caso de mais de um filho ou filha, a mãe foi solicitada a informar apenas sobre o filho ou a filha mais novo ou nova. Para esse recorte foram utilizadas as informações sociodemográficas, violência doméstica e maus-tratos na infância. Para violência doméstica foi utilizado o questionário *WHO Violence against women*. Já maus-tratos na infância foi avaliado por meio de questões elaboradas para este estudo, focando em domínios relacionados a testemunhar violência física ou verbal entre adultos e exposição a violência física, emocional e sexual. Inicialmente, as mães eram questionadas se a criança ou o adolescente havia sofrido ou presenciado o alguma destas violências no último ano. Em caso de respostas positivas, um segundo bloco era aberto. Neste segundo bloco, as mães deveriam informar se a violência relatada permanecia na mesma frequência e intensidade, se diminuiu ou se piorou durante a pandemia da COVID-19. Para o processamento desses dados foi utilizado o software SPSS. O teste qui-quadrado foi usado para comparações. O nível de significância foi estabelecido em  $p \leq 0,05$ .

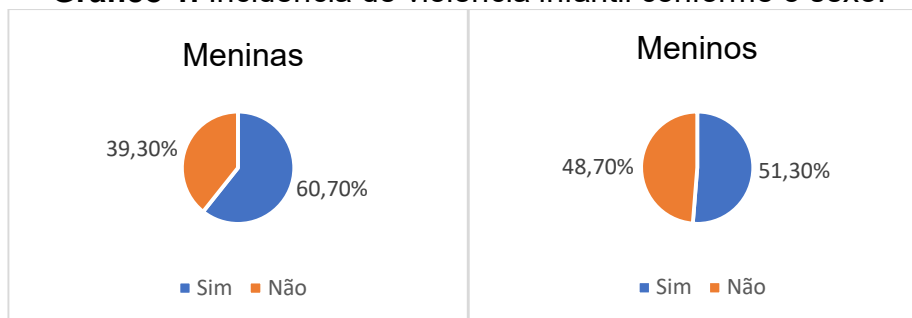
### 3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

Identificamos que 53,1% das participantes relataram quadro de violência infantil no último ano. Dos casos onde houve violência, a situação piorou em 63,7% dos casos durante a pandemia da COVID-19. O aumento, pode estar relacionado com fatores como: fechamento das escolas, maior estresse dos cuidadores e redução da mobilidade tanto de crianças e adolescentes, quanto adultos (MARQUES et al., 2020).

No gráfico 1 podemos observar a prevalência da violência infantil de acordo com o sexo. Observa-se que ambos os sexos presenciaram violência física ou verbal, ou sofreram agressão emocional, física ou sexual. Porém, em termos de proporção, o sexo feminino foi o mais atingido, 60,7% sofreram algum tipo de violência. A prevalência no sexo masculino foi de 51,3%. Embora alto, foi menor quando comparado ao feminino ( $p < 0.05$ ).

Conforme Mascarenhas et al. (2010), o ambiente domiciliar, se torna o local mais provável de acontecimento de violências, em especial as meninas. A prevalência de meninas, nesse estudo, pode estar ligada também, a ideologia, de subordinação e submissão do sexo feminino, desde a infância, construída historicamente pelo modelo social do patriarcado. (NUNES; SALES, 2016)

**Gráfico 1.** Incidência de violência infantil conforme o sexo.



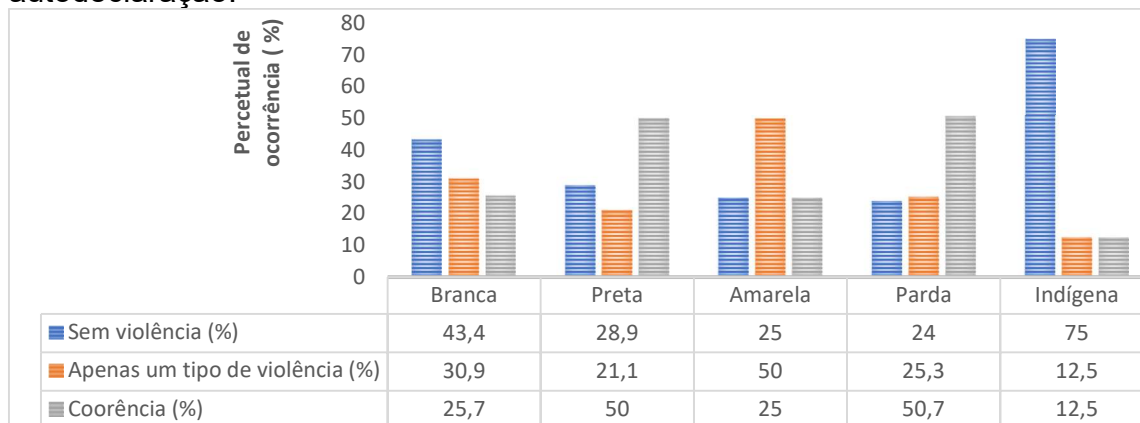
Em relação aos percentuais que envolviam, tanto as mães, quanto as crianças, 37,6%, não relataram violência familiar no último ano. A porcentagem encontrada de mães que relataram violência contra mulheres ou infantil foi de

28%. Já a ocorrência tanto de violência infantil quanto de violência contra mulher na mesma família foi de 34,3%. Essa porcentagem, é alarmante, pois, segundo Campbell (2020), crianças que estão inseridas em ambiente com violência, não somente correm mais riscos em relação a sua integridade física e emocional, como ainda, podem ser usadas pelo agressor, como meio de aumentar o controle coercitivo sobre a família.

Consoante com Carneiro (2003), o processo de colonização e os contornos de hierarquias, baseadas, no sexo e cor, que poderiam ser considerados superados, ainda permanecem vivos no imaginário social. Dessa forma, há diferença nos percentuais de exposição a violência, de acordo com a raça/cor. No gráfico 2, é possível constatar, tais diferenças. Cerca de, 43,4% dos participantes que se autodeclararam brancos, não sofreram nenhum tipo de violência. Já o percentual, de pessoas pretas e pardas, que não foram expostas a violência, no último ano, foi de somente, 28,9% e 24% ( $p < 0.05$ ).

Na pesquisa, os grupos com menor número de respondentes, foram pessoas identificadas como indígenas (8 pessoas) e amarelos (4 pessoas). Em relação a pessoas que se autodeclararam indígenas, cerca de 75%, não relataram nem violência contra mulher, nem infantil. Em contrapartida, pessoas amarelas não tiveram exposição a violência, apenas no percentual de 24%. Devido ao número menor de participantes desses grupos, vale ressaltar, que os dados encontrados, podem não refletir em análises maiores. Nesse sentido, na continuidade da pesquisa, é importante ampliar a participação desses grupos, a fim de obter dados mais precisos e abrangentes.

**Gráfico2.** Ocorrência de episódios de violência familiar segundo o critério da autodeclaração.



#### 4. CONCLUSÕES

Observou-se alta prevalência de violência familiar e aumento de relatos de violência durante a pandemia. Destaca-se urgente a discussão sobre a violência doméstica devido a maior exposição dos públicos vulneráveis diante da pandemia. Traçar os perfis mais afetados por esse fenômeno permite o planejamento de estratégias de prevenção e enfrentamento à violência. Para que políticas públicas sejam direcionadas aos públicos mais afetados, enfrentando assim, efetivamente a problemática da violência.



## 5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CAMPBELL, A. M. An increasing risk of Family violence during the Covid-19 pandemic: Strengthening Community collaborations to save lives. **Forensic Science International: Reports**, p. 100089, 2020. Acessado em: 18 set. 2020. Disponível em: <http://doi.org/10.1016/j.fsir.2020.100089>

CARNEIRO, S. Enegrecer o feminismo: a situação da mulher negra na América Latina a partir de uma perspectiva de gênero. **Racismos contemporâneos. Rio de Janeiro: Takano Editora**, v. 49, p. 49-58, 2003. Acessado em: 20 set. 2020. Disponível em: <https://bit.ly/3hJoRE7>

ENGEL, C. L. **A violência contra a mulher**. Ipea – Instituto de economia aplicada. Brasília. 2019. Acessado em: 19 set. 2020. Disponível em: [https://www.ipea.gov.br/retrato/pdf/190215\\_tema\\_d\\_a\\_violencia\\_contra\\_mulher.pdf](https://www.ipea.gov.br/retrato/pdf/190215_tema_d_a_violencia_contra_mulher.pdf)

FORTY-NINTH WORLD HEALTH ASSEMBLY. Geneva 20–25 Mai1996:WHA49.25. **Prevention o violence: a public health priority**. Acessado em: 19 set. 2020. Disponível em: [https://www.who.int/violence\\_injury\\_prevention/resources/publications/en/WHA49\\_25\\_eng.pdf](https://www.who.int/violence_injury_prevention/resources/publications/en/WHA49_25_eng.pdf)

MASCARENHAS, M. D. M.et al. Violência contra a criança: revelando o perfil dos atendimentos em serviços de emergência, Brasil, 2006 e 2007. **Cad. Saúde Pública**, Rio de Janeiro , v. 26, n. 2, p. 347-357, 2010.Acessado em: 19 set. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-311X2010000200013>

MMFDH. **Denúncias registradas pelo Ligue 180 aumentam nos quatro primeiros meses de 2020**. Acessado em: 19 set. 2020. Disponível em: <https://bit.ly/2ZSnc93>

MARQUES, E. S. et al. A violência contra mulheres, crianças e adolescentes em tempos de pandemia pela COVID-19: panorama, motivações e formas de enfrentamento. **Cadernos de Saúde Pública** [online]. v. 36, n. 4, 2020. Acessado em: 18 set. 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/0102-311X00074420>

NUNES, A. J.; SALES, M. C. V. Violência contra crianças no cenário brasileiro. **Ciênc. saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 3, pág. 871-880, 2016. Acessado em: 18set. de 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/1413-81232015213.08182014>

OMS.**Director-General's opening remarks at the media briefing on COVID-19 - 16 March 2020**. Acessado em: 19 set. 2020. Disponível em: <https://www.who.int/dg/speeches/detail/who-director-general-s-opening-remarks-at-the-media-briefing-on-covid-19---16-march-2020>